



LHM

O TRABALHO DOMÉSTICO DA PERSONAGEM FEMININA NO CONTO “VELAS. POR QUEM?”, DE MARIA LÚCIA MEDEIROS

Guthemberg Felipe Martins Nery* ¹

*Universidade Federal do Pará (UFPA)
e-mail: guthembergmartins@gmail.com

Lília Batista da Conceição* ³

*Universidade Federal do Pará (UFPA)
e-mail: lilia_.batista@hotmail.com

Laura Maria Silva Araújo Alves* ²

*Universidade Federal do Pará (UFPA)
e-mail: laura_alves@uol.com.br

Resumo: Este estudo objetiva analisar o trabalho doméstico da personagem feminina descrita no conto “Velas. Por quem?”, da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros. O foco é trazer, a partir do discurso narrativo sobre a história da protagonista e sua labuta como empregada, um debate literário acerca de algumas questões históricas relacionadas ao ofício doméstico realizado pelo sujeito feminino em residências de terceiros. Os dados coletados indicam que, em “Velas. Por quem?”, a personagem principal experienciou, na casa em que passou a viver e atuar como doméstica, uma condição de trabalho análogo à escravidão, que envolveu episódios de domesticidade, humilhação, violência física, jornada exaustiva, privação, ausência de salário e, inclusive, abuso sexual.

Palavras-chave: Personagem feminina. Trabalho doméstico. Maria Lúcia Medeiros.

The Housework of the Female Character in the Tale “Velas. Por Quem?”, by Maria Lucia Medeiros

Abstract: this paper aims to analyzes the housework of the female character described in the tale “Velas, Por quem?”, by the writer from Pará, Maria Lucia Medeiros. It is focused in bringing, from the narrative speech about the story of the protagonist and her work as a maid, a literary debate about some historical questions related to the domestic work made by female subject in resistance to others. The data collected show that, in “Velas, Por quem?” the mainly character experienced, in the house that passed to live and acting as a houseworker, a working condition similar to the slavery, that involved situations of domesticity, humiliation, physical violence, exhausting journey, deprivation, lack of salary and, including, sexual abuse.

Keywords: Female character. Housework. Maria Lucia Medeiros.

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, professor de Educação Infantil na Secretaria de Estado de Educação do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1724901396259310>.

² Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6009592378453661>.

³ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, professora de Língua Portuguesa e Literatura na Secretaria de Estado de Educação do Pará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4987157402942143>.



Introdução

As mulheres da sociedade brasileira do início do século XX têm uma história de lutas para lidar com as disparidades de gênero e as discrepâncias sociais que surgiram (e ainda surgem) devido a uma cultura patriarcal que, historicamente, consolidou a opressão, silenciamento e desqualificação da mão de obra feminina. Essa cultura patriarcal (re)criava mecanismos para inibir a voz das mulheres, inviabilizando seu papel e protagonismo no que diz respeito ao trabalho fora de casa e à conquista de um lugar no mercado de trabalho.

Rago (1985), em sua obra “Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar”, sobretudo no capítulo intitulado “A colonização da mulher”, apresenta um panorama da situação profissional feminina brasileira nos primeiros anos do século XX. Conforme as palavras da autora, não havia grandes perspectivas profissionais para as mulheres da época, uma vez que a preocupação da moralidade social era preparar o sujeito feminino para exercer a função essencial de “rainha do lar”, isto é, a carreira do casamento, maternidade e vida privada.

No contexto histórico mencionado acima, existiam poucas opções disponíveis para a mulher que desejava transpor o privado recinto doméstico para se inserir e conquistar o mercado de trabalho. Aquela que tinha acesso à educação, especialmente a de classe abastada, podia optar pela carreira de professora primária ou enfermeira, profissões consideradas mais adequadas devido à ligação com o cuidado e pouco ameaça à honra feminina. As mulheres de classe social desfavorecida tiveram que desempenhar funções laborais hostilizadas e de salários irrisórios, como o trabalho de

Domésticas, operárias, costureiras, datilógrafas, telefonistas, nas camadas mais baixas. Em qualquer caso, o campo de atuação da mulher fora do lar circunscreveu-se ao de ajudante, assistente, ou seja, a uma função de subordinação a um chefe masculino em atividades que a colocaram desde sempre à margem de qualquer processo decisório (Rago, 1985, p. 65).

Diante deste cenário de restrição e desvalorização profissional feminina, o emprego doméstico⁴ aparece como uma das opções laborais que as mulheres tinham no início do século XX,

⁴ Neste estudo, utilizamos a noção de trabalho doméstico proposta por Diniz (1994), que o define como um conjunto de atividades desempenhadas no âmbito privado da residência, com o objetivo de atender às necessidades básicas dos



sobretudo aquelas de classe baixa. Nesse período, muitas mulheres migraram do meio rural para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida e de emancipação, pois elas “começavam a poder escolher entre desobedecer às normas sociais, parentais e familiares” (Del Priore, 2011, p. 177). À vista disso, o emprego na casa de terceiros tornou-se uma estratégia de sobrevivência e uma opção para elas ocuparem um lugar no mercado de trabalho.

A cidade de Belém, capital do estado do Pará, nos decênios iniciais do século passado, sofreu um grande fluxo migratório de mulheres provenientes de localidades do interior do estado e de classes sociais desfavorecidas, com o objetivo de trabalhar fora do lar e mudar a condição social de pobreza. Nesse cenário, muitas mulheres de baixa renda, adultas e crianças, levadas pela necessidade de buscar instrução e poder exercer uma profissão remunerada, passaram a atuar como domésticas nas casas belenenses. Em sua maioria, ganhando pouco ou nenhum salário, devido à percepção de seus papéis como “cuidadoras” e ao fato de trabalharem e viverem na residência dos patrões, sendo consideradas “membros da família”.

Diante das implicações que afetaram o trabalho da mulher atuante como doméstica em outra época, nosso objetivo é apresentar uma análise literária sobre algumas questões históricas relacionadas ao ofício da empregada doméstica, com base no relato narrativo da personagem feminina descrita no conto “Velas. Por quem?”, publicado na obra “Velas. Por quem?”, da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros.

Para explorar o objeto de estudo, partimos dos seguintes questionamentos: Quais foram os motivos que conduziram a personagem feminina para o serviço de doméstica na casa de terceiros? Como a protagonista aparece descrita no conto e qual era o lugar que ela ocupava enquanto empregada? Quais foram os episódios de exploração, agressões e abusos de poder que ela enfrentou no ambiente de trabalho? E, por último, que implicações a ocupação doméstica trouxe para sua vida?

Os aspectos conceituais sobre personagem, mulher e trabalho doméstico partem dos pressupostos teóricos de Xavier (1998), Rago (1985), Saffioti (1989), Del Piore (2011), Brait (1993), Abreu (2015), Lopes (2010), Diniz (1994). Em termos metodológicos, o estudo segue uma abordagem qualitativa, com ênfase na pesquisa documental, utilizando a literatura de ficção, especificamente um conto de autoria feminina de Maria Lúcia Medeiros, como fonte histórica para responder aos questionamentos levantados. Consideramos o texto literário um documento histórico, uma vez que sua narrativa ficcional apresenta traços da realidade feminina de outra época. Com esse olhar, Nery e Alves (2023, p. 158) explicam que,

membros da família e manter e organizar o lar. Outrossim, este tipo de serviço pode ser feito por membros da família ou por profissionais contratados, como empregadas domésticas.



Nas páginas das obras literárias, é possível encontrar vestígios passíveis a inúmeras possibilidades de leitura e interpretação de versões outras da realidade feminina no passado que, muitas vezes, contradizem a dos relatos oficiais. Tais versões da realidade da mulher são fornecidas por meio da singular percepção de um observador privilegiado, o autor-escritor, que, mesmo quando não possui o objetivo explícito de “fazer história” com a escritura de sua obra literária, acaba por registrar e fornecer pistas com capacidade de “dizer a história”.

Dessa forma, procuramos explorar o conto de Maria Lúcia Medeiros e, partir da narrativa de seus personagens, trazer à tona desejos, dores e angústias presentes na vida da mulher doméstica das primeiras décadas do século XX. Afinal, Brait (1993), em sua obra “A personagem”, esclarece que esses seres de ficção, embora inexistentes fora das palavras e da tinta que os retratam, despertam emoções intensas nos leitores, que acreditam na realidade ficcional reproduzida, simulada ou inventada pelo escritor.

O trabalho doméstico da personagem feminina no conto “Velas. Por quem?”

A escritora paraense Maria Lúcia Fernandes Medeiros, popularmente conhecida como professora Lucinha, nasceu em 15 de fevereiro de 1942 na cidade de Bragança (PA), onde passou a infância e o início da adolescência. Aos doze anos, partiu do referido município para estudar como interna em um colégio da capital paraense, Belém (PA). Na idade adulta, graduou-se em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Anos mais tarde, desempenhou a função de professora da disciplina de Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa. Além disso, atuou como colaboradora da Universidade da Amazônia (Unama). Em Belém, em 8 de setembro de 2005, aos 63 anos, faleceu após vários anos lutando contra a esclerose lateral amiotrófica, doença degenerativa.

Além de atuar como professora, Maria Lúcia Medeiros, aos poucos, se descobriu escritora. Contudo, somente aos 43 anos, estreou na literatura ao decidir publicar seu primeiro texto, o conto “Corpo Inteiro”, em 1985. Vale acentuar que, na época em que ela publicou seu primeiro escrito literário, o papel da mulher ainda era bastante restrito na literatura. No mercado literário paraense, era comum a presença de homens na escrita e publicação de romances, enquanto as mulheres escreviam contos e crônicas.

Dentre as principais obras ficcionais e não ficcionais produzidas pela autora, destacam-se: “Zeus ou a menina e os óculos” (1988), “Velas. Por quem?” (1990), “O lugar da



errância" (1994), "Quarto de hora" (1994), "Horizonte silencioso" (2000), "Antologia de contos" (2003), "O lugar de ficção - memórias de leitura" (2004) e "Céu caótico" (2005).

A temática principal da literatura de Maria Lúcia Medeiros é o drama e o sofrimento feminino, através de uma profusão de vozes de personagens que, pela ficção, trazem vestígios da realidade nua e crua na qual as mulheres do contexto da Amazônia paraense estavam inseridas. Afinal, como explica Abreu (2015, p. 19), a literatura escrita por mulheres "geralmente tem como característica marcante o fato de ser próxima da experiência pessoal da vida da escritora, possuindo, no caráter confessional, uma de suas principais propriedades".

A coletânea de contos "Velas. Por quem?" ganhou sua primeira edição no ano de 1990. Em 1997, a obra em questão conquistou uma edição especial, como cortesia do jornal *A Província do Pará* aos leitores, por meio da coleção *Nossos Livros* em parceria com a Secretaria de Estado e Cultura (Secult) e a Editora Cejup. Essa edição contém em sua capa uma fotografia panorâmica (sem indicação de autoria) de uma floresta de mata verde, acompanhada por um rio de água barrenta e um céu azul com muitas nuvens.

O livro de 1997 recebeu o prefácio elaborado por Maria Elisa Guimarães, crítica literária, e estrutura-se em 23 narrativas pertencentes ao gênero conto: "Velas. Por quem?", "O Filho de Daniel", "Em todos os sentidos", "A menina. Um cavalo", "A festa", "Noche oscura", "Vide-verso", "Estranho é o Caminho", "Fundo poço", "Mater dolorosa", "As moças", "Escarpas", "À mesa", "Jogo de damas", "Nox", "Rondó", "Tantas são as voltas", "Mirante", "Saltério urbano", "Estrangeiras águas", "Écran", "Nômina" e "O dia em que Johannes Brahms tocou o teu diário". Enfatizamos que, neste estudo, nossa atenção se concentrou apenas em "Velas. Por quem?". Este conto, além de emprestar nome ao livro, destaca o drama, o sofrimento e o conflito de uma personagem feminina que trabalhou como empregada doméstica.

Em síntese, no conto "Velas. Por quem?", Maria Lúcia Medeiros dá voz um narrador câmera⁵, representado por uma vidente que, ao ler as mãos de uma senhora, protagonista do conto, rememora e narra ao leitor o passado de dificuldades e sofrimentos enfrentados pela personagem feminina de origem rural. Nessa mesma direção, Zucolo e Leão (2020, p. 204) enfatizam que

⁵ O narrador câmera, conforme Brait (1993), seria aquele que em terceira pessoa narra e descortina, de forma gradual, as características e ações de um personagem. Além disso, ao narrador câmera raramente é concedida a palavra, de forma total e avassaladora.



A narração de “Velas. Por quem?” constitui-se em monólogo no qual a quiromante/narradora dirige-se à consulente em segunda pessoa, narrando-lhe (e para os leitores) a vida, que – por ser antecipada pela condição de subalternidade – não surpreende a ninguém.

A narrativa, relatada pela voz da vidente, enfatiza que a protagonista, ainda muito jovem, mudou-se para a residência urbana de uma família abastada e enfrentou uma rotina diária de trabalho doméstico, sofrendo toda a sorte de humilhações. Na casa onde passou a viver e trabalhar como empregada (da infância a vida adulta), acontecem inúmeros episódios de exploração laboral, envolvendo atos de violências físicas, privações e abusos sexuais. A vidente, ao final do conto, quando encerra a leitura das mãos da protagonista, denuncia a realidade do sujeito feminino, exposto à condição de exploração do trabalho doméstico análogo à escravidão na residência de terceiros.

Para Tozoni-Reis (2002, p. 11), as datas em que os textos literários são escritos servem apenas de referência, pois na “literatura de ficção é impossível tomar a data em que foram escritas as obras como exatas, pois é muito comum que as narrativas se refiram a outro período ou a nenhum especificamente”. Ao seguirmos o pensamento expresso pela autora, salientamos que, em nosso estudo, não utilizamos como referência o ano em que a obra foi escrita, 1990, mas sim o período aproximado em que os eventos narrados ocorrem. Portanto, presumimos que o tempo cronológico da narrativa “Velas. Por quem?” começa mais ou menos nos primeiros decênios do século XX, prolongando-se por algumas décadas seguintes. Esse aspecto é indicado pela voz da narradora quiromante quando assinala o seguinte trecho narrativo: “Pras histórias que me contas desses mil e novecentos e poucos” (Medeiros, 1997, p. 12).

Feitas essas ressalvas, enfatizamos que a narrativa do conto se inicia com a narradora destacando a saída da protagonista de sua terra natal e sua chegada a uma grande cidade do estado do Pará, possivelmente a capital Belém: “Fatal foi teres chegado de manhãzinha, teus olhos de sono, quando ainda a cidade se espreguiçava e teres visto o casario, as ruelas tortuosas, os homens a gritar nomes e coisas” (Medeiros, 1997, p. 11).

O texto ficcional de Maria Lúcia Medeiros fornece poucos indícios sobre a origem da personagem principal. Em uma breve passagem do conto, é indicado apenas que a mulher vinha de um lugarejo localizado na zona rural do interior paraense. Ali, ela aprendeu, ainda criança, sobre o cultivo da roça, plantando sementes para alimentar a família de lavradores.



Ademais, também podemos supor que ela adquiriu o conhecimento necessário para a criação de animais, como as cabras que forneciam leite que “bebeste em tenra idade” (Medeiros, 1997, p. 12).

Como é possível notarmos, a protagonista do conto em análise, desde cedo, conviveu com uma trajetória de miséria, pobreza e trabalho pesado na roça de subsistência. A esse respeito, Abreu (2015) aponta que, no Brasil, nos decênios iniciais do século XX, as meninas pobres que habitavam zonas rurais ou pequenas cidades começavam a trabalhar por volta dos cinco anos de idade, auxiliando nas tarefas domésticas, no cuidar de animais ou de outras crianças menores. A autora também salienta a existência de meninas que aprenderam ofícios especializados, como “tecelagem, costura, habilidades na cozinha ou referentes a partos e benzeduras, e acabavam, quando adultas, por engrossar a fileira de trabalhadores necessários para a geração de riquezas do País” (Abreu, 2015, p. 32).

A narradora, contudo, revela que a personagem feminina, quando ainda moça, deixou seu local de origem, os amigos e os familiares com “um último cheiro do abraço que deixaras dias atrás entre o espanto e a euforia” (Medeiros, 1997, p. 11) e seguiu em um barco a velas pelos rios paraense até uma cidade grande, onde buscou exercer o trabalho doméstico na residência de uma rica família.

É importante destacarmos que, nos ditos da narrativa, não são explicitados os motivos que levaram a protagonista a decidir exercer o ofício doméstico na casa de uma família abastada. Contudo, podemos inferir, através dos interstícios da palavra, que a personagem saiu de seu local de origem para buscar um trabalho digno para auxiliar no sustento familiar. Lopes (2010, p. 117) esclarece que a prática de enviar mulheres de regiões do interior brasileiro, em sua maioria meninas, para ocuparem ofícios de empregadas em residências familiares de classes altas nas grandes cidades, acontecia com o intuito de

Manter um acervo potencial que percorra as famílias de forma presencial (irmãs, primas, tias) e para futuro (filhas, netas, sobrinhas) com a velha prática de buscar no interior do Estado, como se fosse para a abertura das possibilidades da vida, quando o desejo encoberto muitas vezes é o de que elas permaneçam robotizadas no contínuo dos afazeres da casa. Sem dar sustos. Sem produzir surpresas. Sem falhar. Sem mudar. Por anos a fio. Todos os dias o mesmo dia.

Assim, para conseguir sobreviver e ascender socialmente, a protagonista aceitou trabalhar como empregada doméstica e começou uma vida nova, com muitas expectativas e longe das tarefas na roça de subsistência da família. Como podemos ler no seguinte



fragmento narrativo: “Fatal foi tropeçares e seguires aos solavancos pelas ruas achando que eram de boas-vindas os olhares. Ao pé do casarão mal iluminado fatal foi pensares que ofereciam vida nova, pois ouviste os sinos” (Medeiros, 1997, p. 11). Aqui, observamos a narradora enfatizar a palavra “fatal”, que também é usada em outras passagens do conto, fornecendo, dessa forma, pistas para que o leitor presuma o destino trágico da personagem principal.

Durante a viagem da protagonista, a narradora, paulatinamente, desvela as percepções manifestadas pela personagem principal no interior do barco a velas. Diz a voz da narradora: “Fatal foi a má comparação que fizeste das velas de encardido colorido com o tecido que mal escondia teus pudores. Tuas unhas entre o roxo e o vermelho copiaste de onde?” (Medeiros, 1997, p. 11). A referência ao episódio que comparou as velas sujas do barco com a maltrapilha vestimenta da protagonista é crucial para a compreender o drama inicial desta personagem feminina. Maria Lúcia Medeiros demonstra, nesse momento, como a personagem toma consciência de que a sua vestimenta escura e curta indica não apenas a pobreza e a falta de higiene, mas também um gesto obsceno de demonstração de sua forma sedutora enquanto jovem mulher.

O mesmo acontece com o questionamento sobre a cor das unhas, o que indica a depravação e a insinuação feminina. Estes pequenos elementos apresentam indícios do futuro da protagonista. Isso porque as roupas e os adereços são signos sedutores da mulher, tornando-as “verdadeiras presas do desejo masculino, mulheres-caça, que o homem persegue e devora sexualmente” (Del Priore, 2011, p. 30).

Outro ponto a ser trazido ao presente debate é o fato de a protagonista do conto “Velas. Por quem?” não possuir nome próprio, sendo apenas designada, em diversas passagens do texto, pela expressão “Ó pequena”, que, dependendo do contexto, pode indicar a construção de sentidos que assinalam a característica física de “alguém com estatura baixa”, ou ainda a condição social de “rebaixamento” ou “inferioridade”. Para Zucolo e Leão (2020), o termo “pequena” usado no conto em questão é uma forma de inferir a “identificação” racional da personagem, uma vez que sugere sua altura e sua ascendência cabocla.

Quando a personagem principal chegou à residência em que iria trabalhar como doméstica, percebeu que se tratava de um suntuoso casarão. No ambiente familiar, a protagonista se deu conta que havia um menino e uma menina, além de “um doutor e sua



mulher a quem devias servir, branca e alta mulher” (Medeiros, 1997, p. 11). Como podemos visualizar, a estrutura familiar apresentada é baseada no modelo de família nuclear burguesa, descrito com clareza por Almeida *et al.* (1987, p. 61) como aquele em que há uma

Família intimista, fechada para si, reduzida ao pai, mãe e filhos que vivem sós, sem criados, agregados e parentes na casa, eis o modelo de modernidade no limiar do século XIX. A mulher, “rainha do lar”, mãe por instinto, abnegada e vivendo em osmose com os bebês, sendo ela o canal da relação entre eles e o pai, que só se fará presente para exercer a autoridade. Essa família, é bom que se diga, continua patriarcal: a mulher “reina” no lar dentro do privado da casa, deliberada sobre questões imediatas dos filhos, mas é o pai quem comanda em última instância.

O espaço familiar de “Velas. Por quem?”, assim como na descrição acima, era conduzido pelas mãos da figura feminina. Enquanto o personagem masculino, denominado como doutor, deixava a casa para trabalhar na esfera pública; a esposa deveria ser a “rainha do lar” e estar atenta aos mínimos detalhes da vida cotidiana de cada membro da família. As palavras de Rago (1985) confirmam o modelo de mulher ancorado na imagem da “rainha do lar”. Conforme a autora, a mulher, sobretudo a de condição financeira elevada, detinha a função social de zelar pelo espaço privado da vida doméstica e do exercício sagrado da maternidade, pois deveria esquecer-se deliberadamente de si mesma e “realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido” (Rago, 1985, p. 65).

No conto analisado, a dona de casa, descrita como uma mulher alta e branca, além de exercer a função de “rainha do lar”, também assumia o papel de instruir a protagonista na execução adequada de suas “responsabilidades domésticas” no ambiente privado da casa. Cabia à personagem principal o dever de aprender as lições laborais ensinadas pela patroa de maneira “rápida feito cachorro do sítio, e sair com o rabo entre as pernas repetindo ‘sim, senhora’” (Medeiros, 1997, p. 12). Nesta breve passagem, Maria Lúcia Medeiros, ao fazer a analogia da personagem principal à figura de um animal, nos convida a considerar dois aspectos.

O primeiro é o lugar que a empregada doméstica ocupa na organização familiar da casa, isto é, o lugar da inferioridade e subalternidade, apesar de ela assumir gradativamente as responsabilidades nos afazeres domésticos. Afinal, como explica Tozoni-Reis (2002, p. 52), embora a figura das empregadas domésticas tenha importância “na organização dessas famílias, esta valorização não impede a discriminação sofrida por elas no interior das próprias famílias”.



O segundo mostra que a personagem feminina, por estar sujeita à função doméstica, devia seguir o modelo baseado na domesticidade, no qual é valorada a aquisição de um conjunto de comportamentos adestrados, típicos de figuras animais. Dessa maneira, a empregada era tratada como um cão a ser adestrado, sendo a patroa e os outros membros da família os seus instrutores. Conforme a visão de Zucolo e Leão (2020, p. 209), este caráter de zoomorfização “sintetiza o processo de disciplinamento e controle a que a menina é submetida. Em narrativa breve, os leitores são informados do processo de transformação da menina em serva”.

Em outros trechos do conto, a comparação da empregada como um animal domesticado é retomada. A narradora enfatiza que, mesmo diante de todas as humilhações, a protagonista não esboçava qualquer tipo de afronta para com seus contratantes, apenas aceitando todos os comandos a ela atribuídos: “Fatal foi tua mansidão de bicho: o búfalo, a corça e o cão” (Medeiros, 1997, p. 12). Por fim, diz a narradora que “com pouco já ninguém podia passar sem ti sendo pedaço deles, cria, cachorro fiel. Ó boa pequena!” (Medeiros, 1997, p. 12). É interessante notarmos que, nesta última passagem, a expressão “Ó pequena” vem acompanhada do adjetivo “boa”, o que reforça o caráter de domesticidade da protagonista empregada como doméstica no contexto daquela família abastarda.

A “pequena” do conto de Maria Lúcia Medeiros, em diversas passagens do texto, era humilhada e agredida por seus contratantes. No episódio em destaque a seguir, a vidente descreve, com riqueza de detalhes, o momento no qual a personagem principal foi agredida fisicamente pela dona de casa:

Ao ouvir a voz “Ó pequena”, desabalada era tua carreira pelas escadas, era a hora de retirar o urinol de porcelana com a urina da branca senhora que ficou roxa um dia porque te pegou dizendo “péra lá que eu vou tirar o mijo da mulher” e te trancou e quase te esmagou na porta para que consertasse a língua, Ó pequena! Terias que dizer “fazer meu serviço, cumprir minha obrigação” aprendeste logo sem compreender (Medeiros, 1997, p. 12).

No episódio acima narrado, podemos notar que a figura da patroa, ao exercer uma pequena parcela de poder para oprimir outra mulher, estava sujeita à “síndrome do pequeno poder” (Saffioti, 1989), ou seja, à noção de que possuía uma autoridade razoável para dominar, explorar e discriminar o sujeito considerado inferior, no caso, a empregada doméstica. Outrossim, visualizamos que, no confronto de poder entre os mandos da patroa



e o desejo da empregada doméstica (último elo da cadeia assimétrica na residência familiar), esta aparece como a perdedora e alvo do suplício das agressões corporais. E por este motivo a voz da narradora, em tom de conselho, assinala que a doméstica deveria permanecer em seu lugar marginal e cumprir sua “obrigação”, sem levantar questionamentos ou demonstrar qualquer atitude subversiva, mesmo diante da humilhação de retirar urina alheia.

Para Brait (1993, p. 18), o texto literário é concebido como um “espaço em que, por meio de palavras, o autor vai erigindo os seres que compõem o universo da ficção”. Podemos notar que, na ficção de Maria Lúcia Medeiros, há personagens que expressam a forma como as relações de dominação e poder entre patrão e empregada podem ser levadas ao extremo. A narradora do conto denuncia que, quando a protagonista começou a apresentar mudanças físicas em seu corpo, devido à puberdade, passou a sofrer abusos sexuais praticados pelos sujeitos masculinos do casarão. O trecho a seguir fornece indícios de como ocorreram os episódios de abuso sexual contra o corpo da trabalhadora doméstica:

Nem tinhas cor definida nem peitos tinhas, só os carocinhos que doíam e que a cozinheira te ensinou apertar dois caroços de milho e dar pro galo para que não crescessem tanto. Mas cresceram e logo o doutor e logo o menino, horário estranho, pesada hora, apertavam também, bolinavam, teu corpo ereto, tua cabeça baixa, coração aos pulos (Medeiros, 1997, p. 12).

Como observamos na passagem acima, apesar de o corpo da protagonista ainda estar em processo de mudanças físicas e maturidade sexual, isso não impediu o patrão de violá-lo, uma vez que, na sua concepção de figura masculina e poder central na casa, a empregada deveria estar inteiramente à sua disposição, inclusive através do ato sexual. Outrossim, ainda incentivava o filho a iniciação sexual com a doméstica, para garantir com que sua prole do sexo masculino ingressasse na idade adulta e/ou provasse sua masculinidade.

À empregada doméstica, submissa aos abusos sexuais das figuras masculinas, restou apenas sofrer em silêncio e aceitar a violência contra seu corpo, uma vez que este tipo de situação se tornou uma prática comum no trabalho doméstico. Diz a voz da narradora: “hábito deles, ficou costume, nem ousaste compreender, só aprender, Ó pequena!” (Medeiros, 1997, p. 12). Dessa maneira, a protagonista, com sua voz e corpo invisibilizados, não ousava fazer qualquer tipo de denúncia ou reação aos assédios, pois, nesse ambiente de trabalho doméstico, estabeleceu-se o que Rago (1985) identificou de “relação pedagógica



paternalista”, ou seja, uma relação de poder desigual e de exploração existente no ambiente profissional devido à legitimada subordinação da mulher ao homem patronal. Assim sendo, legitimou-se a percepção da empregada feminina como um objeto sexual que se encontrava no interior da casa e que se podia pegar e usar ao bel-prazer masculino.

Além de sofrer com as humilhações, agressões e abusos sexuais cometidos pelos seus contratantes, a personagem principal ainda sofria com a carga extenuante de obrigações domésticas realizadas no decurso de sua jornada de trabalho no contexto familiar. A voz da narradora acusa que a empregada estava incumbida de “deveres tantos que ressoavam nas campainhas pelo casarão inteiro e pudeste rir, sorrir e te alegrar tantas eram as correrias, o leiteiro, o padeiro, o telefone...” (Medeiros, 1997, p. 11). Ademais, supomos que a protagonista também assumia tarefas como limpezas, arrumações, lavagens e cuidado de crianças que, conforme Xavier (1998), eram legitimadas como aptidões “naturais” do sexo feminino.

A rotina intensa de serviços domésticos da personagem dava a impressão de que ela estava inteiramente disponível para o trabalho, cumprindo os mandos (e desmandos) da família. Cabendo-lhe apenas a perspectiva do cuidado da casa e dos membros familiares que dela faziam parte, não podia planejar um futuro melhor, ter uma vida própria e ser independente para desfrutar dos seus desejos. Nessa mesma direção, Lopes (2010, p. 117) aponta que a exploração de trabalho da mulher doméstica faz com que “ela não se permita sonhar com outro futuro – nem para si, nem para os seus que vão sendo integrados na mesma teia”.

Em meio a tantas “obrigações” e tarefas exaustivas, a protagonista do conto vivia reclusa em um ambiente privado e repressor. Sem permissão para deixar a casa e conhecer o mundo da rua, limitava-se a espiar por uma janelinha do sótão. E daquela pequena janela “era possível ver o rio, os pombos em revoada pelos telhados e até dizias ‘chô bicho’ e rias do teu próprio riso doido, e te apoiavas ora num pé ora no outro” (Medeiros, 1997, p. 11-12). Como podemos observar, o ambiente da casa ganha contornos contraditórios, uma vez que a oferta de trabalho e a reclusão se misturavam. Essa restrição no ambiente de trabalho familiar, inclusive, “vem escamoteada, revestida de uma aura positiva, como se fosse benefício a que a pessoa subjugada devesse ser grata por receber” (Zucolo; Leão, 2020, p. 209).

Desse modo, o cômodo do sótão se tornou lugar privilegiado para a empregada doméstica. Ela acorria para lá sempre que desejava desfrutar da mais diminuta sensação de liberdade, que não condizia com sua condição de trabalho. Conforme a narradora, da janelinha do sótão, “era possível ver se a chuva ia cair, se não ia, se dava pra menina sair, pro menino brincar, fazias até magia de dar um nó na barra de tua saia e paravas a chuva, ora se pararas, Ó pequena!” (Medeiros, 1997, p. 12).



A narrativa ficcional de “Velas. Por quem?” revela que a protagonista trabalhou durante décadas servindo a casa da família abastada. Conforme a passagem do tempo, ela cresceu e envelheceu, porém é enfatizado: “Nem crescestes tanto, alargaste sim, pernas rijas, braços fortes e com pouco já morria o doutor, já envelhecia a senhora, já casava a menina e já trocavas de mão e de patrão, pois a menina agora já era a mulher branca e perfumada que também enchia de urina o urinol de porcelana” (Medeiros, 1997, p. 12). Se a passagem narrativa for analisada mais profundamente, pode revelar que a empregada não conseguiu uma profissão além dos afazeres domésticos. Ademais, ela não pôde desfrutar da liberdade, uma vez que a filha a herdou como sua doméstica, como se a mulher fosse apenas um objeto mercadológico.

Nas linhas finais do conto, a narradora, no processo de leitura das mãos da protagonista, faz a seguinte revelação: “Diante da mãe espalmada, retomo do meu ofício e aceito ler teu destino mas, te adianto, não vejo mais – pesada hora – rastro sequer de fortuna, perdeu-se a do coração” (Medeiros, 1997, p. 12-13). Neste trecho narrativo, notamos que a personagem principal, ao longo tempo em que trabalhou na casa de seus contratantes, não recebeu nenhum tipo de remuneração e, provavelmente, não aprendeu o valor do dinheiro. É possível deduzir que obtinha apenas algumas roupas, calçados e alimentação, uma vez que o trecho seguinte indica: “botaram a tua frente o pão que molhastes cuidadosamente no café preto para não acordar a tua eterna dor de dente” (Medeiros, 1997, p. 11). Desse modo, a privação da mulher naquela residência era tão grande que, apesar de não receber qualquer valor monetário, ela havia tomado consciência da situação análoga à escravidão em que se encontrava.

Por fim, dentre outras instâncias de análise que poderiam ser realizadas a respeito do conto de Maria Lúcia Medeiros, surge a seguinte passagem do texto: “Ó senhora, que fatal foi te roubarem a linha da vida” (Medeiros, 1997, p. 13). Como podemos constatar, o desfecho do conto revela que a protagonista, submetida a uma trajetória marginal de trabalho como empregada doméstica e análoga à de escravo, não conseguiu se tornar uma mulher independente, capaz de decidir seu próprio destino e vivenciar a sensação de liberdade. Como uma mulher idosa, deu-se conta de ter suportado uma vida de trabalho “de pejo e de dó” (Medeiros, 1997, p. 13), repleta de ordens, humilhações e abusos de terceiros.

Considerações Finais

No conto “Velas. Por quem?”, Maria Lúcia Medeiros convida os leitores a refletir sobre a situação do trabalho doméstico realizado pela mulher das décadas iniciais do século XX, desvelando o que estava por trás desse tipo de atividade laboral: a marginalidade da



mão de obra feminina, que é relegada a uma posição inferior, violenta e cruel. O seu texto, ao adentrar o mundo privado do lar, coloca a família nuclear burguesa e cada um de seus membros em perspectiva; os personagens revelam como a figura do pai, mãe e filhos usava seus privilégios para legitimar diferentes formas de opressão e abuso contra a trabalhadora doméstica.

A personagem principal do conto representa o drama de muitas mulheres trabalhadoras de localidades interioranas que, ao precisarem partir rumo aos grandes centros urbanos em busca de novas oportunidades ou atraídas por promessas falsas, acabavam vivenciando situações arbitrárias e degradantes no ambiente de trabalho doméstico. Apesar de ser descrita de uma forma domesticada, com poucos indícios de subversões para romper com a relação abusiva de seus contratantes, sua narrativa de ficção reflete a realidade histórica de marginalidade e opressão do emprego doméstico no estado do Pará, bem como em outras regiões do país.

Dado que a “Literatura pode tornar visível, através de seus recursos estéticos, o aspecto caduco de certas práticas sociais” (Xavier, 1998, p. 14), consideramos que o texto literário “Velas. Por quem?” suscita pensarmos sobre como, atualmente, práticas tão desumanas de exploração da empregada doméstica continuam enraizadas na sociedade brasileira. Assim sendo, ao debatermos os dramas da protagonista, estamos dando visibilidade à questão histórica do trabalho feminino e contribuindo para o enfrentamento ao trabalho doméstico análogo à escravidão, que ainda permanece culturalmente presente na realidade da mulher no Brasil.

Referências

ABREU, A. L. R. de. A escrita feminina na imprensa caxiense até 1920 em O Estímulo. In: ZINANI, C. J. A.; SANTOS, S. R. P. (Orgs.). **A mulher na história da literatura: estudos da produção de escritoras da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2015. p. 13-42.

ALMEIDA, A. M. de. *et al.* **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987.

BRAIT, B. **A personagem**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DINIZ, A. **Correndo atrás da vida**. Belém, PA: Editora Cejup, 1994.



LOPES, M. S. O feminino e o trabalho doméstico: paradoxos da complexidade. **Rev. Trib. Reg. Trab. 3ª Reg.**, Belo Horizonte, v.52, n.82, p.113-126, jul./dez. 2010.

MEDEIROS, M. L. Velas. Por quem? *In*: _____. **Velas. Por quem?** Ed. Especial. Belém: Cejup/Secult, 1997. p. 11-13.

NERY, G. F. M.; ALVES, L. M. S. A. Discursos da Mulher Prostituta em Menina que Vem de Itaiara. **Gênero na Amazônia**, Belém, v.1, n. 23, p. 157-168, jan./jun.,2023. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpa.br/>> Acesso em: 10 out. 2023.

RAGO, L. M. **Do Cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1985. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SAFFIOTI, H. I. B. A síndrome do pequeno poder. *In*: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. (Orgs.). **Crianças vitimizadas**: a síndrome do pequeno poder. São Paulo, Iglu Editora, 1989. p. 13-21.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Infância, escola e pobreza**: ficção e realidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

XAVIER, E. **Declínio do patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos Tempos, 1998.

ZUCOLO, N. P.; LEÃO, A. A voz e o silenciamento no conto “Velas. Por quem?”, de Maria Lúcia Medeiros: perspectivas ética e estética do problema. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v.7, n.23, p. 202-21, Set, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/>. Acesso em: 15 out. 2023.

